EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)

Cursos Gerais – Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos **2.ª FASE**

2005

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

Esta prova é constituída por dois grupos de itens.

O GRUPO I inclui dois itens sobre uma única obra:

- um item de relação entre dois conceitos **ou** de justificação de uma tese;
- um item de análise de texto.

O GRUPO II inclui um item de desenvolvimento de um tema dado, a partir de uma única obra.

GRUPO I

Na página seguinte encontrará um índice das obras para este grupo.

Seleccione **APENAS UMA OBRA** e responda aos dois itens formulados.

Na resposta ao item 1:

- utilize aproximadamente 160 palavras (cerca de 20 linhas), número indicador do grau de desenvolvimento da sua resposta;

Na resposta ao item 2:

- utilize aproximadamente 320 palavras (cerca de 40 linhas), número indicador do grau de desenvolvimento da sua resposta;
- a mera transcrição de frases do texto implica a classificação de zero pontos.

ÍNDICE DAS OBRAS DO GRUPO I

Página

– DA NATUREZA, Parménides 4

– GÓRGIAS, Platão 4

– FÉDON, Platão 5

– CATEGORIAS, Aristóteles 5

– O MESTRE, Santo Agostinho 6

– PROSLOGION, Santo Anselmo 6

– O ENTE E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino 7

– RECONDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura 7

DA NATUREZA, Parménides

1. Justifique a tese segundo a qual o ser é incriado e simultaneamente finito, explicando o seu significado no contexto da obra.

2. A partir do texto abaixo, justifique a crítica dirigida aos «mortais com duas cabeças». Fundamente a sua análise com elementos da obra.

Nota também como o que está longe pela mente se torna firmemente presente:
pois não separarás o ser da sua continuidade com o ser;
nem dispersando-o por toda a parte segundo a ordem do mundo,
nem reunindo-o.
(...) para mim é o mesmo
por onde haja de começar: pois aí tornarei de novo.
É necessário que o ser, o dizer e o pensar sejam; pois podem ser,
enquanto o nada não é: nisto te indico que reflitas.
Desta primeira via de investigação te <afasto>,
e logo também daquela em que os mortais, que nada sabem,
vagueiam, com duas cabeças: pois a incapacidade
lhes guia no peito a mente errante; (...).

Frag. 4-6, trad. José Trindade Santos, Lisboa, Alda Editores, 1997, p. 19

GÓRGIAS, Platão

1. Justifique a tese segundo a qual «a alma temperante e sensata é boa, a que não tem aquelas qualidades é má», explicando o seu significado no contexto da obra.

2. A partir do texto abaixo, esclareça a defesa que Sócrates faz do modelo de vida filosófico. Fundamente a sua análise com elementos da obra.

Sócrates – (...) Estás talvez a escutar o que te digo como se fossem contos de velhas que só merecem o teu desprezo, e nada haveria de estranho em que tomássemos essa atitude, se, investigando, tivéssemos achado algo de melhor e mais verdadeiro. Mas o que podes constatar é que vós os três, que sois os mais sábios dos Gregos de hoje, tu, Polo e Górgias, sois incapazes de demonstrar que se deveria levar um género de vida diferente daquele que, com toda a evidência, nos será útil no outro mundo. Das nossas longas discussões saíram refutadas todas as teorias, menos uma, que permanece firme: a de que convém evitar com mais empenho cometer a injustiça do que sofrê-la; que cada homem se deve esforçar mais por ser do que parecer bom, em público como em privado; que, se alguém procedeu mal em alguma coisa, deve ser castigado, porque o maior bem, depois do de ser justo, é passar a sê-lo, sofrendo o castigo que se mereceu; que é preciso fugir de toda a forma de lisonja, tanto em relação a si próprio como em relação aos outros, quer sejam poucos, quer sejam muitos; finalmente, que se deve pôr a retórica, como qualquer outra coisa, sempre ao serviço do bem.

Convence-te de que tenho razão e segue-me pelo caminho que te conduzirá à felicidade nesta vida e na outra (...).

527a-c, trad. Manuel de Oliveira Pulquério, Lisboa, Edições 70, 1997, pp. 212-213

FÉDON, Platão

1. Justifique a tese segundo a qual os filósofos «estão bem mais longe do receio da morte do que qualquer dos outros homens», explicando o seu significado no contexto da obra.

2. Justifique o último período do texto abaixo (linhas 15-17). Fundamente a sua análise com elementos da obra.

[Sócrates –] (...) Repara ainda: não é verdade que pedras, troncos iguais, sendo os mesmos objectos, parecem por vezes iguais aos olhos de uns e não aos olhos de outros?

[Símias –] Fora de dúvida!

– E então? Alguma vez aconteceu que as coisas mesmo iguais se te afigurassem desiguais, ou a igualdade, uma desigualdade?

– Que eu saiba, nunca, Sócrates.

– Logo – concluiu –, a igualdade dos tais objectos que referíamos não equivale precisamente ao Igual em si mesmo...

– Não vejo qualquer possibilidade, Sócrates.

– Contudo, não deixa de ser a partir de igualdades desse tipo, embora distintas do Igual em si, que tu o concebes e tomas conhecimento dele?

– Nada mais exacto – assentiu.

– E isso, independentemente de ele se identificar ou não com a igualdade dos objectos actuais?

– Decerto.

– De facto – concluiu –, tanto faz. Sempre que, ao veres um dado objecto, a visão desse mesmo objecto te transporte à ideia de outro, seja ele igual ou diverso, é necessariamente um caso de reminiscência.

74b-d, trad. Maria Teresa Schiappa de Azevedo, Coimbra, Edições Minerva, 2001, pp. 68-69

CATEGORIAS, Aristóteles

1. Justifique a tese segundo a qual «nenhuma das expressões que são ditas sem qualquer combinação é verdadeira ou falsa», explicando o seu significado no contexto da obra.

2. A partir do texto abaixo, explique a razão de as substâncias, não tendo qualquer contrário, serem capazes «de receber contrários». Fundamente a sua análise com elementos da obra.

Uma outra característica das substâncias é não terem qualquer contrário. Pois qual seria o contrário de uma substância primeira? Um certo homem, por exemplo, não tem qualquer contrário; assim como homem ou animal também não têm qualquer contrário. Contudo, isto não é próprio da substância, mas verifica-se também a respeito de muitas outras coisas, como, por exemplo, da quantidade. (...)

O que principalmente parece ser próprio da substância é, sendo numericamente uma e a mesma, ser capaz de receber contrários. Não há nenhuma outra coisa que se possa apresentar e que, sendo numericamente uma, seja capaz de receber contrários. Por exemplo, uma cor que é numericamente uma e a mesma não poderá ser branca e negra; nem uma mesma acção, numericamente uma, poderá ser má e boa; e do mesmo modo para as outras coisas que não sejam substâncias. No entanto, a substância, sendo numericamente uma e a mesma, é capaz de receber contrários. Por exemplo, um certo homem, que é um e o mesmo, torna-se ora branco ora moreno, ora quente ora frio, ora mau ora bom.

3b-4a, trad. Ricardo Santos, Porto, Porto Editora, 1995, pp. 42-43

V.S.F.F.

O MESTRE, Santo Agostinho

1. Relacione sensação e intelecção, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.

2. Explique o último período do texto abaixo (linhas 14-15). Fundamente a sua análise com elementos da obra.

AGOSTINHO – (...) talvez não encontres nada que se aprenda pelos seus sinais. Com efeito, quando me é dado um sinal, se ele me encontra ignorante da coisa de que é sinal, nada me pode ensinar; e se me encontra sabedor, que aprendo eu por meio de sinal?

Assim, quando leio – «as suas *sarabalas* não foram alteradas» [*Daniel*, 3, 34] –, esta palavra não me mostra a coisa que significa. Efectivamente, se por este termo se denominam certas coberturas da cabeça, acaso tendo-o eu ouvido aprendi o que é a cabeça, ou o que são coberturas? Conhecia já antes essas coisas, e o conhecimento delas adveio-me não quando foram denominadas por outros, mas ao serem vistas por mim. Na verdade, quando estas três sílabas, que pronunciamos ao dizer «cabeça», percutiram pela primeira vez os meus ouvidos, desconhecia tanto o que elas significavam como quando ouvi ou li pela primeira vez «sarabalas». Mas, como se dizia muitas vezes «cabeça», eu, notando e advertindo quando se dizia, descobri ser o vocábulo de uma coisa que já me era conhecidíssima pela vista. Antes de o ter descoberto, esta palavra era apenas um som para mim; aprendi que era um sinal quando descobri de que realidade era sinal. Essa realidade, como já disse, tinha-a eu aprendido não por meio de sinal, mas pela visão. E assim, mais se aprende o sinal por meio da realidade conhecida do que a própria realidade por um sinal dado.

Trad. António Soares Pinheiro, Porto, Porto Editora, 1995, p. 90

PROSLOGION, Santo Anselmo

1. Justifique a tese segundo a qual Deus é omnipotente, mas não pode fazer todas as coisas, explicando o seu significado no contexto da obra.

2. A partir do texto abaixo, explicite o significado da afirmação: «concede-me que (...) entenda que existes como acreditamos e que és o que acreditamos» (linhas 10-11). Fundamente a sua análise com elementos da obra.

I

(...) Confesso, Senhor, e dou-Te graças porque criaste em mim essa imagem tua para que, lembrado de Ti, te pense e te ame. Mas de tal maneira está desfigurada pelo desgaste dos vícios, de tal maneira foi obscurecida pelo fumo dos pecados, que não pode realizar aquilo para que foi feita, a não ser que a renoves e a restaures. Não procuro, Senhor, penetrar a Tua profundidade, porque de maneira nenhuma lhe comparo a minha inteligência, mas desejo entender, de certa forma, a tua verdade que o meu coração crê e ama. Nem procuro entender para crer, mas creio para entender. Pois, até isto eu creio: que, se não acreditar, não entenderei.

II

Portanto, Senhor, Tu que dás o entendimento da fé, concede-me que, quanto sabes ser-me conveniente, entenda que existes como acreditamos e que és o que acreditamos [seres]. E, na verdade, acreditamos que Tu és *algo maior do que o qual nada pode ser pensado*. Acaso não existe uma tal natureza, pois o insensato disse no seu coração: não há Deus. Mas com certeza esse mesmo insipiente, quando ouvir isto mesmo que digo, *algo maior do que o qual nada pode ser pensado*, entende o que ouve e o que entende está no seu intelecto, ainda que não entenda que isso exista. Com efeito, uma coisa é algo estar no intelecto, outra é entender que esse algo existe.

Trad. Costa Macedo, Porto, Porto Editora, 1996, pp. 22-23

O ENTE E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino

1. Relacione os conceitos de matéria e de forma, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.

2. A partir do texto abaixo, explique o que torna possível a multiplicidade de Inteligências. Fundamente a sua análise com elementos da obra.

Mas tudo aquilo que recebe alguma coisa a partir de outro está em potência em relação a esse outro, e aquilo que é recebido nele é o seu acto. Consequentemente, é necessário que a própria quididade ou forma que é a Inteligência esteja em potência quanto ao existir que recebe de Deus. Esse existir é recebido à maneira de acto. E assim se encontra a potência e o acto nas Inteligências, mas não a forma e a matéria, a não ser equivocamente. Por isso, também, ser passivo, receber, substar, e outras expressões semelhantes, que parecem convir às coisas em razão da matéria, aplicam-se de modo equívoco às substâncias intelectuais e corpóreas, como diz o COMENTADOR no III livro de *A Alma*. E porque, conforme se disse, a quididade da Inteligência é a própria inteligência, a sua quididade ou essência é aquilo mesmo que ela é, e o seu existir recebido de Deus é aquilo pelo qual subsiste na natureza das coisas. É por esta razão que alguns dizem que estas substâncias se compõem de «aquilo por que é» e de «aquilo que é», ou como BOÉCIO diz, de «aquilo que é» e de «ser».

E como nas Inteligências se encontra a potência e o acto, não será difícil encontrar uma multiplicidade de Inteligências, o que seria impossível se nelas não houvesse nenhuma potência. Por isso o Comentador afirma, no livro III de *A Alma*, que se a natureza do intelecto fosse ignorada, não poderíamos descobrir a multiplicidade nas substâncias separadas. Há, portanto, uma distinção entre elas, de acordo com a proporção de potência e de acto. Assim, a inteligência superior, que está mais próxima do primeiro ser, tem mais acto e menos potência, e semelhantemente em relação às outras.

Trad. Mário Santiago de Carvalho, Porto, Edições Contraponto, 1995, pp. 90-91

RECONDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura

1. Relacione Verbo e regra de viver, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.

2. Justifique o primeiro parágrafo do texto abaixo, explicando o seu significado no contexto da obra.

6.

(...) são seis as iluminações nesta vida, as quais têm ocaso, posto que toda «a ciência será abolida»; e suceder-lhes-á o descanso do sétimo dia, o qual não tem ocaso, ou seja, a iluminação da glória.

7.

Pelo que, ainda que muito adequadamente se possam reconduzir estas seis iluminações às seis formações ou iluminações pelas quais foi criado o mundo, de tal modo que o conhecimento da Sagrada Escritura corresponda à primeira formação, isto é, à formação da luz; e assim sucessivamente as outras na sua ordem. E tal como todas elas tinham origem em uma só luz, assim também todos estes conhecimentos se ordenam para o conhecimento da Sagrada Escritura, nela se encerram e nela se aperfeiçoam, e por meio dela se ordenam à iluminação eterna. Donde se segue que todo o nosso conhecimento deve terminar no conhecimento da Sagrada Escritura, e principalmente quanto ao entendimento da anagogia, pelo qual a iluminação se orienta para Deus, onde teve o começo. E assim se fecha aí o círculo, se completa o número seis e, consequentemente, a estabilidade.

Trad. Mário Santiago de Carvalho, Porto, Porto Editora, 1996, pp. 18-19

GRUPO II

- Seleccione uma obra e o tema que lhe corresponde, indicando, **DE MODO INEQUÍVOCO**, a sua escolha.
- Utilize aproximadamente 640 palavras (cerca de 80 linhas), sem contar com o plano organizador. Considere este número como indicador do grau de desenvolvimento da sua resposta.

OBRAS	TEMAS
PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, Descartes	Infinitude de Deus e finitude da razão humana
CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, Locke	Liberdade religiosa e limites da tolerância
DISCURSO DE METAFÍSICA, Leibniz	Mundo actual e mundos possíveis
FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, Kant	A liberdade como fundamento da lei moral
INTRODUÇÃO ÀS LIÇÕES SOBRE HISTÓRIA DA FILOSOFIA, Hegel	História e liberdade
TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental	A evolução do ser
O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA, Nietzsche	Realidade e tragédia
DA CERTEZA, Wittgenstein	Jogos de linguagem e acção
ELOGIO DA FILOSOFIA, Merleau-Ponty	Filosofia e verdade
OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, Russell	Conhecimento de coisas e conhecimento de verdades
PROBLEMÁTICA DA SAUDADE & ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA SAUDOSA, Joaquim de Carvalho	Consciência saudosa e consciência nacional
SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE, Heidegger	Filosofia e desocultação do ente
TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, Ricoeur	A dimensão ontológica do discurso

– Desenvolva o tema correspondente à obra que seleccionou.

Na sua resposta:
- relacione o tema com o horizonte temático da obra;
- integre o tema na estrutura argumentativa da obra;
- avalie o modo como o autor trata o tema na obra.

– Comece por apresentar o plano organizador da sua resposta.

FIM

COTAÇÕES

GRUPO I

1.	40 pontos
2.	70 pontos
Total do Grupo I	**110 pontos**

GRUPO II

Item único	90 pontos
Total do Grupo II	**90 pontos**
TOTAL	**200 pontos**